



Antonio Hohlfeldt (PUCRS)

O projeto político-ideológico de Última Hora¹

Para que se possa bem avaliar o significado da história do jornal Última Hora/Rio Grande do Sul, precisa-se não apenas contextualizá-la na própria história brasileira, quanto na história do jornalismo brasileiro e sul-rio-grandense. Porque a Última Hora do Rio Grande do Sul, como de resto sua homônima carioca - base das demais Últimas Horas que existiram, em São Paulo, Recife ou Belo Horizonte, só para citar algumas delas, definiu-se desde logo como um jornalismo participativo e comunitário, atuando especialmente no campo do *jornalismo opinativo* e do *jornalismo interpretativo*, para usarmos as categorizações normalmente evocadas pelos estudiosos do fenômeno jornalístico¹.

Uma das grandes novidades trazidas por Última Hora foi justamente a regionalização. Diferenciando-se dos Associados, na medida em que Assis Chateaubriand fora adquirindo jornais, revistas, emissoras de rádio e depois de televisão, sem lhes dar uma identidade específica, própria e diferenciadora, Samuel Wainer desdobrou a Última Hora carioca numa série de Últimas Horas: em São Paulo, primeira experiência, ainda sugerida por Getúlio Vargas, entre 18 de março de 1952 e 1972². Belo Horizonte, Recife, Curitiba e, enfim, Porto Alegre, seriam outras iniciativas. E apesar de todos os desafios e dificuldades enfrentados, quer durante a crise de 1954, após o suicídio de Vargas, quer depois de 1964, quando sobreveio o golpe do dia 31 de março, Última Hora cumpriu o programa que seu fundador lhe idealizara. Por isso, significativamente, Samuel Wainer pode escrever, referindo o modo pelo qual seu jornal desapareceu, a 21 de abril de 1972: *Às 12 horas do dia 21 de abril de 1972,*

¹BELTRÃO, Luis - *Jornalismo interpretativo: Filosofia e técnica*, P. Alegre, Sulina. 1976; BELTRÃO, Luis - *Jornalismo opinativo*, P. Alegre, Sulina. 1980. Ver, ainda, MEDINA, Cremilda - *Notícia, um produto à venda*, S. Paulo, Summus. 1988, p. 78. Ela distingue, como os demais autores, entre jornalismo informativo, interpretativo e opinativo.

²Estritamente falando, a Última Hora de São Paulo morreu no dia 1 de abril de 1964, porque foi imediatamente empastelada. Mas Wainer passou o jornal a amigos, depois ao Grupo Frias - da Folha de São Paulo, com quem ficou até 1968, e a partir daí o jornal foi morrendo melancolicamente.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



quando saí do escritório de Maurício Alencar, a Última Hora já não era minha. A próxima edição seria rodada nas oficinas do Correio do Manhã, com outra linha editorial, outra equipe, outra alma. Fui para o prédio da Última Hora e convoquei meu pessoal para comunicar-lhe o desfecho de um capítulo importantíssimo da história do jornalismo brasileiro. Depois, sozinho no prédio vazio, dei-me conta de que a minha grande aventura terminara³. Talvez o nome Última Hora tenha perdurado, mas não mais o projeto. Na verdade, entrava-se em uma nova fase na história da imprensa brasileira, a da *consolidação das grandes corporações multimídia*, conforme registro de um estudioso⁴. O jornal circularia ainda até julho de 1991, quando faliu. Foi o último daqueles títulos surgidos na década de 50, a interromper sua circulação⁵

O mesmo ocorreu com a Última Hora do Rio Grande do Sul, sediada em Porto Alegre, a partir de onde circulou entre 15 de fevereiro de 1960 e 25 de abril de 1964. Ainda que só tenha deixado de existir, oficialmente, seis anos depois, a 25 de abril de 1970, quando o controle acionário do jornal, até então dirigido por Ary de Carvalho, é assumido por Maurício Sirotsky, ao que parece, numa bem urdida manobra que teve a participação de Aron Birman, presidente da Crefisul, há duas fases diversas na história do jornal. A que nos interessa é aquela entre 1960 e 1964. A outra é apenas pálido reflexo, apesar dos eventuais esforços de Ary de Carvalho, que a herdara, inclusive por decisão do próprio Wainer. O jornal de Porto Alegre, a exemplo do carioca, chegou mesmo a crescer, do ponto de vista econômico e financeiro, até o momento em que trocou mais uma vez de mãos. Mas já não era mais aquela Última Hora como Wainer havia idealizado.

No Rio Grande do Sul, Última Hora buscava apoiar Brizola naquilo que se identificasse com o projeto original do jornal, devidamente adaptado à região. Mas se Wainer nutria por Vargas verdadeira admiração, a ponto de perdoá-lo por eventuais traições, a equipe da Última Hora gaúcha tinha comportamento diverso. Distribuída

³WAINER, Samuel - Op. cit., p. 281.

⁴WAINBERG, Jacques - *A morte de jornais centenários e o caso do Rio Grande do Sul* in MOUILLAUD, Maurice et PORTO, Sérgio Dayrell (Org.) - *O jornal: Da forma ao conteúdo*, Brasília, Paralelo 15. 1997, p. 409.

⁵LATTMAN-WELTMAN, Fernando - *Imprensa carioca nos anos 50: Os anos dourados* in ABREU, Alzira Alves (Org.) - *A imprensa em transição*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.1996, p. 179.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



entre militantes do Partido Comunista e do Partido Trabalhista Brasileiro, dividia-se igualmente em seu posicionamento, dando apoio a todas as iniciativas governamentais que o mantivessem na meta populista, mas criticando-o sempre que ocorresse o que o jornal considerasse *desvios*. Do mesmo modo, Brizola reagia - e chegou mesmo a pressionar o jornal - quando se sentia prejudicado pelo mesmo.

Na verdade, antes da Última Hora gaúcha, o Rio Grande já conhecera um outro jornal popular e inovador do ponto de vista formal e que, não casualmente, fôra não apenas contemporâneo da Última Hora carioca, quanto com ela trocara experiência e dela recebera influências, profissionais e referencialidade. Refiro-me ao jornal A Hora, que circulou entre 30 de novembro de 1954 e 15 de março de 1962.

Brizola elegera-se em 1958, com um total de 55% dos votos, ainda que na Grande Porto Alegre alcançasse percentuais maiores (evidenciando o fenômeno do populismo, mais presente em centros urbanos industrializados). Mas precisava enfrentar, cooptar e aproximar-se das regiões interioranas do estado, em especial aquelas de colonização alemã e italiana. Por outro lado, pretendia desenvolver um projeto de rompimento com a tradicional cúpula política de então, apostando na educação, nacionalizando empresas estrangeiras e, sobretudo, buscando recuperar a economia sul-rio-grandense, profundamente debilitada⁶. Tenhamos bem claro esta linha temporal:

-- A Hora - 30 de novembro de 1954 a 15 de março de 1962

_ Última Hora/RS - 15 de fevereiro de 1960 a 5 de abril de 1964

Parte da equipe que trabalhou em A Hora, e que teve a experiência da novidade técnica e editorial daquele jornal, saiu para compor a redação de Última Hora, onde encontrava, além do mais, identificação ideológica, menos forte no primeiro jornal. Assim, uma primeira questão que se deve deixar claro é que, se a Última Hora carioca efetivamente inovou o jornalismo brasileiro, no Rio Grande do Sul, o jornal que primeiro atualizou o estado com tais conquistas foi A Hora e não Última Hora, simplesmente porque, por uma coincidência, foi aquele jornal que nasceu mais próximo

⁶Para o estudo deste contexto, consultar BARROS, Jefferson - *Golpe mata jornal*, Porto Alegre, Já Editores. 1999, p. 31 e ss.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



ao período de circulação de Última Hora, mesmo que, posteriormente, Samuel Wainer tenha autorizado e orientado, pessoalmente, o projeto da Última Hora gaúcha. A Hora surgia como matunino, em tamanho *standard*, com utilização de cores e todo diagramado.

O projeto da Última Hora gaúcha previa um jornal tablóide, diferenciando-se, portanto, desde logo, de todas as demais edições regionais que eram *standard*, para combater claramente à Folha da Tarde. Por isso, foi definida enquanto um vespertino, devendo antecipar-se à concorrente. Como a Folha circulava em torno das 16 horas, Última Hora começou a circular às 15 horas, com média de 24 páginas por edição, podendo chegar a 32 páginas, se necessário⁷. Assim, a Última Hora gaúcha não só inovou no fato de ser um tablóide, quanto inovou por se tornar, mais tarde, um tablóide matutino.

Além do preto - cor básica da edição - o logotipo do jornal era azul, cor também presente em cabeçalhos de algumas seções, e sempre que o nome do jornal aparecesse, nas páginas internas. Se a Última Hora carioca estreou com uma carta de Getúlio Vargas a Samuel Wainer, estampada na primeira página, a Última Hora gaúcha iniciou sua história com uma carta de Samuel Wainer, a título de editorial, também impressa na primeira página, em que ele dizia, dentre outras coisas: *Jornal sem compromissos com governo ou oposição, com partidos políticos ou grupos econômicos, só temos um compromisso, aquele pelo qual um dos maiores brasileiros de todos os tempos*⁸.

Os primeiros responsáveis pelo novo jornal foram Neu Reiner, então na Caldas Júnior; Floriano Corrêa, então na A Hora; Nestor Fedrizzi e João Aveline, também então trabalhando em A Hora. O jornal era todo diagramado e impresso nas oficinas do Jornal do Dia, alugadas para este fim, nos horários em que aquele jornal não

⁷Um dos problemas enfrentados pelo jornal, na sua concorrência com a Folha da Tarde, é que, ao final de algum tempo, Última Hora e Folha da Tarde haviam se tornado matutinos: o problema foi solucionado pela Folha da Tarde, criando, primeiro, a Folha da Manhã, cuja direção seria entregue ao mesmo jornalista, Erasmo do Nascimento, que havia editado A Hora. Mais tarde, a Folha da Tarde voltou a ter edições antecipadas e então começou a competir não só com a Última Hora quanto com a própria Folha da Manhã, um dos motivos, dentre tantos, para o início da derrocada da empresa Caldas Junior. Ver, a respeito, GALVANI, Walter - *Olha a Folha - Amor, traição e morte de um jornal*, P. Alegre, Sulina. 1996.

⁸BARROS, Jefferson - Op. cit., p. 65.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



rodava. O corpo do noticiário buscava um equilíbrio entre matérias de corpo 10 - as maiores - em menor percentual, e aquelas de corpo 8 e 6, que dividiam o restante do espaço. Os títulos eram geralmente compostos em duas linhas, com vinte toques cada um, ainda que o volume de cada letra fosse variável, significando que, na prática, nem toda a linha era exatamente igual.

Pensada como uma linha de produção industrial, o *fechamento* das páginas, diagramadas, deveriam seguir rigorosamente o cronograma pré-estabelecido, sob pena de atrasar toda a rotação do jornal. Não contando com maquinário da mesma qualidade que o jornal carioca, a Última Hora gaúcha, para poder seguir o projeto de valorização fotográfica, obrigava-se a manter também uma equipe de retocagem das fotografias, afim de destacar a figura do fundo, sob pena de as imagens saírem absolutamente borradas. Quanto ao mais, a Última Hora sul-rio-grandense seguiu o mesmo modelo carioca quanto ao *copy desk*, novidade introduzida na imprensa brasileira pelo Diário Carioca, no início da década de 50, permitindo o uso da *pirâmide invertida*⁹ e atendendo-se, assim, às exigências do *lead*. Outra

novidade introduzida pela Última Hora no jornalismo do Rio Grande do Sul foi a administração financeira e gerenciamento terceirizados, o que fez com que Última Hora também fosse o primeiro jornal a pagar salários em conta bancária, e não apenas com *vales e adiantamentos*, como era então comum nas demais redações.

A organização em editorias - já praticada por A Hora - a valorização de editoriais como sindical e de arrabaldes da cidade, direito do trabalho e economia, foram algumas das conquistas deste novo jornalismo.

Pode-se dizer, em síntese, que os três grandes temas que centralizaram a atenção editorial de Última Hora foram política, polícia e esporte.

Da pesquisa e da análise exaustiva do conjunto das edições do jornal, por nós empreendida, no entanto, com a participação da aluna bolsista de iniciação

⁹Na técnica jornalística, inicia-se a notícia com estas informações fundamentais, todas colocadas num primeiro parágrafo, que constitui exatamente o *lead* ou a *cabeça*. Do segundo parágrafo em diante, desdobra-se o *como/how*, trazendo-se os detalhes ao leitor. Na *pirâmide tradicional*, segue-se a ordem cronológica dos acontecimentos. A *pirâmide invertida* foi criada pelas agências internacionais de informação para poder ter certeza quanto à transmissão dos principais detalhes de um acontecimento a todos os seus assinantes, devido às dificuldades de então que as linhas telegráficas podiam sofrer, interrompendo as ligações e, por consequência, a transmissão das informações.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



científica Carolina Backup, concluímos que Última Hora não seguiu apenas o modelo nacionalista. Discutir-se este tema, no entanto, tem sido difícil quando ele é abordado junto aos remanescentes da equipe do jornal, que não admitem outra classificação que não a do jornal nacionalista. No entanto, o problema existe, enquanto questão teórica, e para estudá-lo, valemo-nos das teorias de Teun A, van Dijk, trazidas ao Brasil por Manuel Carlos Chaparro, no que toca à linguagem adotada, e de Maurice Mouillaud, no que tange ao conceito de *dispositivos jornalísticos*.

Última Hora, genericamente considerada, deve ser compreendida como uma publicação popular e populista, na medida em que deu voz ao segmento popular, pelos valores do salário mínimo, na defesa da Legalidade, no apoio a Cuba, na resistência ao aumento das passagens do transporte coletivo, contra a inflação, etc. - reconhecendo, pois, e transformando as camadas populares em sujeitos da política e da história. Nesta mesma perspectiva, Última Hora foi um jornal nacionalista, porque defendeu os projetos de industrialização nacional, autônoma e independente - ao menos no discurso - ainda que sob um enfoque capitalista que se articulava com o capitalismo internacional.

Para tanto, sua linguagem busca o convívio entre o tradicional e o novo, valendo-se do *fait divers*, da manchete escandalosa, da oralidade, da gíria, dos apelidos e da grande fotografia de primeira página, *dispositivos*, no dizer de Maurice Mouillaud, enunciativos de um determinado projeto ideológico de jornal, que serviam para destacar acontecimentos que tinham importância para a sociedade nacional e regional, sob a perspectiva do projeto político em desenvolvimento.

Tal prática permitia ao jornal incorporar, enquanto leitores, todos aqueles segmentos populares que, recém-urbanizados e alfabetizados, almejavam encontrar-se (espelhar-se) em uma publicação em que fossem, simultaneamente, objeto e sujeito dos acontecimentos.

Manchetes nacionais

O suicídio de Getúlio Vargas, a 24 de agosto de 1954, não resolvera a grande crise política brasileira. A morte do *Pai dos Pobres* foi apenas mais um *round* da disputa entre as classes populares, majoritárias, mas sem força política suficiente para



tomar o poder, e as elites, minoritárias e, por conseqüência, impedidas de assumir o pleno comando da nação.

As administrações que se sucederam, assim, tiveram de buscar manter-se numa espécie de corda bamba entre as diferentes pressões que se concretizavam. Neste sentido, a administração de Juscelino Kubitschek é paradigmática: quase impedido de assumir, enfrentando diferentes tentativas de golpes, chegou ao final de seu mandato com um país bastante modificado em sua infra-estrutura, mas, ao mesmo tempo, com uma dívida externa aumentada e uma avaliação contraditória que, já que se colocava como o principal responsável por alguns dos maiores desafios que o país enfrentara.

A sucessão de presidentes - Jânio Quadros e João Goulart - evidenciariam também esta crise, que culminaria no golpe de estado de 31 de março (ou 1. de abril?) de 1964. É justamente este período conturbado que acaba sendo acompanhado pelo jornal Última Hora em seus escassos anos de vida. Definida claramente como um jornal vinculado ao getulismo, em sua edição nacional, a edição regional do jornal tratava de adaptar-se a este discurso nos momentos posteriores à morte do Presidente.

Nascente, Última Hora seria testemunha de um dos grandes momentos da vida política brasileira e, por isso mesmo, de afirmação da nacionalidade. No dia 20 de abril de 1960, a manchete do jornal anunciava: "Brasília empolga o mundo" e, no dia seguinte, explicava: "Brasília - capital do século 20". O Brasil, na culminância da administração de Juscelino Kubitschek, cujo *slogan* de governo era "50 anos em 5", alcançara, efetivamente, um desenvolvimento fantástico, de que Brasília era a imagem e o reflexo, inclusive em todas as suas contradições.

Preparava-se as eleições e o jornal anunciava: "Eleições: 8 municípios pedem força do Exército" (23 de setembro) e, no dia das eleições, a projeção: "15 milhões e meio de eleitores vão decidir nas urnas destino do Brasil" (3 de outubro). Jânio Quadros, um dos candidatos, saíra na frente (4 de outubro). Conhecido o resultado da eleição, efetivamente, ocorrera a vitória do *candidato da vassoura*.

No dia 14 de janeiro de 1961, Última Hora anunciava, com certa estardalhaço: "Jânio já chegou!". Tinha-se enorme esperança na nova administração e,



por isso mesmo, todos os primeiros momentos da montagem do governo foram acompanhados ("Ministério sai hoje"- 20 de janeiro). Finalmente, no dia 31 de janeiro, "Jânio empossado", mas a frustração foi imediata. No dia 4 de janeiro, a manchete era prenúncio do que esperava o país daí para a frente: "Jânio: salários serão congelados".

A renúncia de Jânio, no dia 25 de agosto, quando se comemorava o Dia do Soldado, provoca uma crise inesperada, e Última Hora, tanto na sua edição nacional quanto nas edições regionais, incluída a sul-rio-grandense, como que toma a liderança da resistência constitucional contra o golpe. João Goulart, vice-presidente eleito, encontrava-se na China, em missão diplomática oficial. Os militares aproveitaram o fato para vetá-lo para a sucessão. O jornal antecipa-se a qualquer reação, atendendo à intensa mobilização popular que durante todo o dia anterior ocorrera, e noticia: "Novo Presidente já saiu de Singapura rumo ao Brasil! Jango a UH: 'Meu dever é assumir!'",. Em edições sucessivas extraordinárias, o jornal passa a acompanhar todo o episódio. Numa edição extra, afirma: "Gaúchos de novo no poder: Jango" (26 de setembro) e, no dia seguinte, diante da resistência conservadora, acusa: "Golpe contra Jango!" (dia 27), e no dia 28: "Jango: vou voltar para assumir ou morrer".

Fortemente garantida pelos soldados da Brigada Militar, a redação de Última Hora torna-se o QG da resistência democrática. Buscando a preservação da ordem institucional, o governador sul-rio-grandense, Leonel de Moura Brizola, organiza a resistência ao golpe, através do chamado movimento da Legalidade, iniciativa que buscou manter a constitucionalidade, valendo-se, pela primeira vez, em nosso país, de uma rede de emissoras de rádio que buscou constituir a massa organizada em torno da idéia da posse de Jango: "Terceiro Exército não recebe mais ordens de Denny!" (30 de agosto) e, no dia seguinte: "Tropas de Denny em marcha contra Terceiro Exército". No centro do país, "Governadores ouviram na madrugada de hoje - Denny disse não a Jango" (1. de setembro).

Jango chegara a Porto Alegre, depois de imensos desvios em rotas aéreas que o levaram do norte do país ao sul, enquanto se buscava a solução diplomática, liderada por Tancredo Neves: "Delírio em Porto Alegre - Jango chegou: Brasil já tem presidente! "(2 de setembro) e se encontrava, enfim, uma solução negociada: João



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Goulart assumiria o governo, mas dentro do parlamentarismo, o que Última Hora interpretou criticamente: "Legalidade foi traída" (4 de setembro).

Goulart, obrigado pelos militares a aceitar o parlamentarismo, começa a reagir. Idealiza-se um plebiscito sobre o parlamentarismo *versus* o presidencialismo: "Ofensiva do não em todo o Brasil" (28 de dezembro), ainda que João Goulart busque, enquanto Presidente, manter-se distante da questão: "Jango: nem sim nem não; peço é o povo nas urnas" (29 de dezembro). No dia 9 de janeiro de 1963, já realizado o plebiscito, começa a se definir a nova paisagem política: "Ato adicional é morto: povo diz sim a Jango", e a seguir: "JK a UH: Povo fez reparação histórica a Jango" (10 de janeiro).

João Goulart, ao final do ano de 1963, começa a encaminhar medidas mais objetivas: no dia 23 de dezembro, anuncia a encampação imediata de empresas estrangeiras e no dia 22 de janeiro de 1964 antecipa: 'Remessa de lucros: país inteiro aplaude Goulart' - ele acabara de proibir a remessa de lucros para o exterior. No dia 30 de janeiro, decide a "reforma urbana imediata" e no dia 4 de fevereiro, "novo imposto compulsório para combater a inflação".

Chegamos ao dia 13 de março de 1964. A manchete do jornal marca a tentativa de maior pressão do governo sobre o Congresso: "Jango assina hoje decreto da SUPRA". A consequência é imediata e o jornal antecipa: "Derrubada de Jango antes das reformas" (17 de março), explicando, no dia seguinte: "*Impeachment* de Jango será senha para greve geral" (18 de março). Mas João Goulart avança: "Jango convoca clero: debate das reformas" (24 de março) e não satisfeito: "SUBAC: remédios serão tabelados ainda este mês" (25 de março).

A crise na Marinha encontra solução dia 28, e no próprio dia em que, no decorrer da madrugada, o golpe se concretizaria, a manchete de Última Hora, o jornal que ao longo de todo este tempo parecera estar tão alerta a todas as tentativas de derrubar o governo, pode ser lida como uma tentativa de tranquilizar e desarmar os espíritos eventualmente contrários às medidas assumidas pelo governo: "Governo luta por reformas cristãs e democráticas".

No dia 1. de abril, contudo, o tom é absolutamente diverso: "São Paulo e Minas rebelados para derrubar Jango" e depois... o silêncio.



Foi a última manchete do jornal. Última Hora depois mudaria de linha e, finalmente, desapareceria, junto com o sonho das grandes reformas políticas brasileiras.

Última Hora no Rio Grande do Sul

A curta história de Última Hora acompanhou parte de duas administrações estaduais absolutamente antagônicas, o final do governo de Leonal de Moura Brizola e o início do governo de Ildo Meneghetti. Como bem registra Jefferson Barros, se o jornal colocou-se com absoluta clareza na oposição ao segundo, em relação à Brizola a situação era mais complexa: *No governo federal, o jornal alinhava-se com as propostas do vice-presidente João Goulart (...) No Estado, esta linha nacionalista era representada pelo governador Brizola, mas suas relações com o Partidão [que dominava a redação de Última Hora], sobretudo nas questões relativas ao funcionalismo público, eram de confronto em muitos momentos (p.63).*

A coluna "Boa Tarde, Excelência" firmada por Sérgio Jockymann, tinha inclusive o objetivo de realizar a *crítica cotidiana* ao governador. Ao mesmo tempo, jornal e governo estadual *se integravam [num] projeto nacional (e estadual) [que] era representado e defendido pela rede UH* (p. 65). Assim sendo, o jornal oscilou, permanentemente, conforme o tema, entre o apoio a Brizola e a crítica a seu governo, situação que só se aclararia com a derrota do PTB nas eleições de 1962.

Não obstante suas claras posições partidárias, Brizola não se negou a antecipar sua colaboração ao Presidente Jânio Quadros, quando este foi empossado (10 de outubro de 1960), ao mesmo tempo em que combatia ferozmente seus adversários, como anuncia a manchete "Brizola processa Lacerda" (19 de setembro de 1962). Mas enfrentou greves, sobretudo de sindicatos que representavam funcionários públicos estaduais, tomou decisões corajosas na encampação e nacionalização de serviços públicos considerados essenciais, e manteve constante polêmica com o Prefeito de Porto Alegre, seu opositor político, Loureiro da Silva, com quem teve pelo menos dois choques significativos: a ameaça de estadualizar os serviços municipais de água e a concessão de bolsas de estudos aos jovens estudantes.

Da leitura das manchetes de Última Hora referentes ao governo do estado, no que toca a Brizola, pode-se depreender ter havido uma administração



constantemente tensionada. Quanto a Meneghetti, se permanece o tensionamento, ele é de outra característica: ela não ocorre entre o governo e a sociedade - até porque, ao contrário de Brizola, Meneghetti terá o apoio do segmento rural, tanto no que diz respeito aos grandes latifundiários quanto aos pequenos produtores rurais, fortemente influenciados pela Igreja Católica e que se opunham à tendência claramente marxista da administração brizolista - mas sim entre o governo e o próprio jornal, que não poupará o governo de suas críticas.

No caso de Leonel Brizola, o tensionamento praticamente nasce com o jornal. Já nos primeiros dias de sua vida, o jornal vai registrar o movimento paredista dos ferroviários contra o governo. Ocorre que a Viação Férrea havia sido transferida recentemente para o estado, e esta era a primeira greve que Brizola enfrentava no setor, cujo sindicato sabidamente era liderado pelos comunistas, que tinham toda a simpatia da redação do jornal. Assim, já na edição 25, a manchete principal chamava a atenção para o movimento: "Greve em Santa Maria" (15 de março de 1960). O jornal acompanharia o movimento, que foi curto, primeiro denunciando a situação: "Repressão contra a greve" (17 de março) e, enfim, anunciando o fim do movimento (19 de março) mas, a partir de então, passando a denunciar as condições consideradas precárias dos serviços prestados: "Sabotagem na Viação Férrea" (6 de junho de 1960), "Terceiro trem espalha morte" (8 de junho) e "Viação Férrea: desleixo mata!" (9 de junho). Um ano depois, o tom ainda era o mesmo, como se denota desta chamada: "Viação Férrea: três acidentes em 10 dias!" (29 de maio de 1961).

O governo de Leonel Brizola notabilizou-se pela busca constante de desenvolvimento para o estado, tendo em vista a chamada *nordestinização* do Rio Grande, expressão usada por Franklin de Oliveira, que evidenciava o empobrecimento crescente do estado em face da federação.

Para tanto, Brizola atacaria os setores considerados básicos de serviços públicos, encampando-os: primeiro foi a CEEE - Companhia Estadual de Energia Elétrica, encampada à Bond and Share norte-americana, ainda antes do surgimento de Última Hora.

Outro problema enfrentado por Brizola foi o da telefonia. Nos primeiros dias de 1961, Última Hora registrava: "Telefones: Estado decidiu enfrentar



problema sozinho" (6 de junho de 1961). Mas levaria muitos meses até que a idéia original se concretizasse, sendo assim anunciada pelo jornal: "Brizola assinou esta manhã telefônica encampada!" (16 de fevereiro de 1962).

Também a reforma agrária foi um tema enfrentado por Leonel Brizola e amplamente acompanhado por Última Hora. O noticiário concentra-se a partir de 1962, quando se anota: "Caçapava repete Camaquã: colonos exigem terras!" (29 de janeiro de 1962).

Brizola já promovera a reforma do chamado *banhado do colégio*. O exemplo mobilizara outros grupos de agricultores: "Reforma agrária/ Brizola cria cooperativas de lavradores" (30 de janeiro de 1962). O golpe de 1964 reenfocaria a questão, conforme se depreende desta afirmativa: "Thompson: reforma agrária será técnica" (23 de abril de 1964).

Desde a posse de Ildo Meneghetti, Última Hora mantinha disputa permanente com o governo em torno da polícia. As manchetes do jornal documentam assim esta polêmica: "Lei rolha na polícia contra imprensa" (1. de abril de 1963). A manchete é genérica, mas logo explicitará que se dirige aos profissionais do próprio jornal: "Polícia espanca repórter e prende fotógrafo de UH" (13 de novembro de 1963).

O jornal enfrentava e vencía o governo. Na verdade, vencera outras vezes, e era isso, exatamente, o que exasperava os policiais. Basta lembrar-se o caso do Cara Cortada. O jornalista Jefferson de Barros estuda muito bem a perspectiva do jornalismo sensacionalista praticado por Última Hora no livro que lhe dedica, e sobretudo o caso de Cara Cortada. Mais radical ainda, no que toca ao sensacionalismo, foi a cobertura ao *caso Kliemann*, acusação que se passou a fazer a um deputado estadual, pela pressuposta responsabilidade no homicídio de sua esposa. Esta cobertura, interrompida e continuada, sucessivamente, só seria definitivamente suspensa com o fechamento do jornal.

Assim era o noticiário do estado nas manchetes de Última Hora. Pode-se dizer que, se o jornal se inclinava fortemente pelas preocupações nacionalistas e políticas por extensão, na sua cobertura internacional e do país, comportava-se bem diferentemente em relação ao noticiário que lhe ficava mais próximo, fosse o do estado,



fosse o da cidade, como veremos a seguir. Então, parece que Última Hora deliciava-se, verdadeiramente, com o *fait divers*, com o sensacionalismo, com o tensionamento entre falsas questões.

Discutindo a teoria

Nilson Lage afirma que *o idealismo nacionalista marcaria os períodos mais interessantes da vida de Última Hora¹⁰*. Alzira Alves de Abreu denomina de *imprensa nacionalista* ao conjunto de jornais nos quais são veiculadas as idéias e propostas mais direta e explicitamente afinadas ou comprometidas com a defesa dos interesses nacionais brasileiros - vistos estes como potencial ou efetivamente contrários a outros interesses nacionais ou internacionais, ou ameaçados por eles¹¹.

Especificamente no Terceiro Mundo, os traços fundamentais do *populismo*, segundo um autor, seriam:

a) a proposição de que as classes sócio-econômicas não constituem as entidades sociais cruciais como nos países desenvolvidos, já que existiria uma menor diferenciação classista;

b) os principais antagonismos que se visualizam são aqueles que se estabelecem entre a sociedade em seu conjunto, traduzidos no conceito de *nação* e o mundo externo, em particular, as chamadas potências industriais desenvolvidas ou industrializadas;

c) o partido político é o agente da libertação e o Estado-partido é o agente do desenvolvimento social;

d) a unidade da nação se expressa no partido único e, às vezes, num complexo que reúne o partido, a nação e a vida aldeã¹².

Outros estudiosos enfocam o *populismo* também triplamente, mas sob outra ótica: a) sistema de idéias (ideologia); b) certo número de fenômenos históricos isolados; c) produto de certo tipo ou tipos de situação social¹³. Neste caso, o *populismo* surgiria como resposta aos problemas colocados pela modernização e suas

¹⁰LAGE, Nilson - *Ideologia e técnica da notícia*, Petrópolis, Vozes. 1979, p. 31.

¹¹ABREU, Alzira Alves (Org.) - Op. cit., p. 62.

¹²WORLDSEY, Peter - *O conceito de populismo* in TABAK, Fanny (Org.) - *Ideologias - Populismo*, Rio de Janeiro, Eldorado.1973, ps. 42-44.

¹³STEWART, Angus - *As raízes sociais do populismo* in TABAK, Fanny - Op. cit., p. 69 e ss.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



consequências (p. 70). Neste caso, o *populismo* herdaria uma principal ideologia que lhe é anterior, a do *nacionalismo* (p. 72).

O *populismo* seria, assim, uma resposta à precariedade do desenvolvimento industrial e urbano, dentre as quais: a) a decisão de empreender a industrialização e a maneira pela qual ela deve ser concretizada; b) as consequências desta industrialização¹⁴. Mais explicitamente, Francisco Weffort verifica que o *populismo foi a expressão do período de crise da oligarquia e do liberalismo(...) e do processo de democratização do Estado que, por sua vez, teve que apoiar-se sempre em algum tipo de autoritarismo, seja o autoritarismo institucional (...) seja o autoritarismo paternalista ou carismático dos líderes de massa da democracia do após-guerra*¹⁵.

Fundamentalmente, o *populismo* se manifesta quando temos: a) um processo acelerado de industrialização que, por consequência, gera uma forte urbanização; b) uma crença na possibilidade de se controlar esse processo de industrialização; c) o movimento de migração que traz setores rurais marginalizados para o espaço urbano, onde igualmente buscam a ascensão social mediante o alcance de um emprego formal, graças à industrialização; d) o surgimento de lideranças populares; e) a crescente conscientização de cidadania que, muito embora esteja marcada pela cooptação de lideranças e manipulação pelo Estado das reivindicações populares, vê-se obrigado a conceder a estas massas o direito à reivindicação enquanto estatuto de cidadania; f) o equilíbrio sempre precário entre o real atendimento dos interesses das classes burguesas produtoras e o controle, mediante certa audiência das classes populares, o que vai gerar uma tensão constante, graças à permanente contradição em que e de que sobrevive.

*O populismo, em síntese, é uma modalidade de nacionalismo; o traço que distingue o nacionalismo populista é sua equiparação entre a nação e o povo. Em uma fase populista do impulso para a independência nacional, é dada grande ênfase à mobilização do povo como parte essencial da luta*¹⁶.

¹⁴STEWART, Angus - Op. cit., p. 75.

¹⁵WEFFORT, Francisco - *O populismo na política brasileira*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 61.

¹⁶STEWART, Angus - Op. cit., p. 73.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



No Brasil, o *populismo* pode ser observado em dois diferentes momentos, aquele posterior a 1930, quando as classes populares são convocadas à participação, mediante o discurso *nacionalista* e a prática de uma nova *legislação trabalhista*, ainda que mantendo sob rígido controle as organizações sindicais, e outro, que se desdobra a partir de 1945: *pela primeira vez na história brasileira as massas urbanas aparecem livremente no cenário político*, desdobrando-se até 1954, com o suicídio de Getúlio Vargas. O *populismo*¹⁷, contudo, não desaparecerá, até porque, seja como for, houve uma evidente ascensão das *classes populares*, assim compreendidas pelo autor: *todos os indivíduos localizados nas categorias de renda correspondentes ao [salário] mínimo, nas categorias inferiores ao mínimo e naquelas imediatamente superiores*¹⁸, podendo-se identificar os seguintes elementos então presentes na sociedade brasileira:

a) crescente heterogeneidade interna na composição social e econômica brasileira, motivada pela combinação de diferentes etapas de desenvolvimento econômico;

b) mobilidade social no interior desses marcos heterogêneos que caracterizam as classes populares;

c) caráter contraditório da experiência de formação da classe operária das grandes cidades em face das demais classes operárias e rurais¹⁹.

O *populismo* no Brasil foi, simultaneamente, uma *ideologia política* e uma *prática política*²⁰, o que explica a perspectiva autoritária do nosso *populismo*, porque centrado na figura carismática de um líder político, num primeiro momento Getúlio Vargas, mais tarde João Goulart e, assim, sucessivamente, ainda hoje. Prescindindo do partido político, a relação entre as massas populares e o Estado se dá exclusivamente através de um líder, que o representa, e que se relaciona *diretamente* com a população, sem qualquer intermediação²¹.

¹⁷WEFFORT, Francisco - Op. cit., p. 76.

¹⁸WEFFORT, Francisco - Idem, ibidem, p. 152.

¹⁹WEFFORT, Francisco - Idem, ibidem, p. 146.

²⁰BOITO Jr., Armando - *O golpe de 1954: A burguesia contra o populismo*, S. Paulo, Brasiliense, 1984, p. 21.

²¹Lembremos a expressão *pai dos pobres* com que as massas populares clamavam por Getúlio Vargas e ainda hoje serve como referência a ele.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

No Rio Grande do Sul, a edição regional de Última Hora mantém, no que se refere à política nacional, o apoio, com certa reserva, a Juscelino Kubitschek, mantendo-se equidistante de Jânio Quadros, e defendendo ostensivamente a João Goulart e sua política que, na verdade, já ultrapassa o simples populismo. Na medida em que aprofunda o discurso nacionalista, levando-o até a revolução, através das chamadas *reformas de base*.

Quanto à administração regional, ficou também claro que, havendo dois pólos de coordenação do jornal e da sociedade sul-rio-grandense que, embora se complementando, eram antípodas internamente - o populismo-reformista do PTB e o revolucionarismo-voluntarista do velho PCB - a publicação se fragmentaria, equilibrando-se precariamente entre estas duas tendências, ainda que sempre se sobrepusesse, nos momentos de crise, a coalisão entre ambas, o que levará, inclusive, ao fechamento do jornal.

A necessidade de criar e manter, contudo, uma ligação permanente com os segmentos populares, segmentos estes claramente identificáveis como camadas rurais que se urbanizam, ou camadas urbanizadas que buscam a ascensão social, leva à exploração de uma linguagem que igualmente oscila entre uma tendência populista que é a valorização do *fait divers*, a manchete escandalosa, o registro do acontecimento policial - transformado em simples relato de *fait divers*, esgotável em si mesmo, o que se verifica facilmente na análise das manchetes do jornal, como aqui fizemos: raramente um fato permanece muito tempo no foco da atenção do jornal.

Pode-se, assim, afirmar que, genericamente, Última Hora foi uma publicação populista na medida em que deu voz ao segmento popular, chamou-o muitas vezes à participação política - mobilizando-o, por exemplo, pelos valores do salário mínimo, na defesa da Legalidade, no apoio a Cuba, na resistência ao aumento das passagens do transporte coletivo, contra a inflação, etc. - reconhecendo e transformando as camadas populares em sujeitos da política e da história. Por consequência, nesta mesma perspectiva, Última Hora foi um jornal nacionalista, porque defendeu os projetos de industrialização nacional, autônoma e independente - ao menos no discurso - ainda que sob um enfoque capitalista que se articulava com o capitalismo internacional.



Quanto à linguagem, expressando a crise do convívio entre o tradicional e o novo, Última Hora valeu-se de práticas da linguagem do *fait divers*, da manchete escandalosa, da oralidade, da gíria, dos apelidos e da grande fotografia na primeira página, para destacar acontecimentos que tinham, em si mesmo, importância para a sociedade nacional e regional, sob a perspectiva do projeto político em desenvolvimento. Tal prática permitia ao jornal incorporar, enquanto leitores, todos aqueles segmentos populares que, recém-urbanizados e alfabetizados, almejavam encontrar-se (espelhar-se) em uma publicação em que fossem, simultaneamente, objeto e sujeito dos acontecimentos.

Em síntese, Última Hora, quer na edição nacional, quer na edição regional em exame, foi simultaneamente popular e populista, nacionalista e escandalosa, buscando concretizar seus objetivos através de um formato capaz de diferenciá-la e notabilizá-la em relação aos demais jornais, procurando, assim, não só o necessário apoio popular quanto de outros segmentos sociais, inclusive das classes dominantes, como fica bem evidente em episódios como o da Legalidade.

Referências bibliográficas

- ABREU, Alzira Alves de (Org.) - *A imprensa em transição*, Rio de Janeiro, FGV. 1996.
- BARROS, Jefferson - *Golpe mata jornal*, Porto Alegre, Já Editores. 1999.
- BELTRÃO, Luis - *Jornalismo interpretativo: Filosofia e técnica*, Porto Alegre, Sulina. 1976.
- _____ - *Jornalismo opinativo*, Porto Alegre, Sulina. 1980.
- BOITO Jr., Armando - *O golpe de 1954: A burguesia contra o populismo*, São Paulo, Brasiliense. 1984.
- GALVANI, Walter - *Olha a Folha - Amor, traição e morte de um jornal*, porto Alegre, Sulina. 1996.
- LAGE, Nilson - *Ideologia e técnica da notícia*, Petrópolis, Vozes. 1979.
- MEDINA, Cremilda - *Notícia, um produto à venda*, São Paulo, Summus. 1988.
- MOUILLAUD, Maurice et PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.) - *O jornal: Da forma ao conteúdo*, Brasília, Paralelo 15. L997.
- SCHIRMER, Lauro - *A Hora - Uma revolução na imprensa*, Porto Alegre, L&PM. 2000.
- STEWART, Angus - *As raízes sociais do populismo* in TABAK, Fanny (Org.) - *Populismo econômico: Ortodoxia, desenvolvimento e populismo na América Latina*, São Paulo, Nobel. 1991.
- WAINER, Samuel - *Minha razão de viver*, Rio de Janeiro, Record. 1988.
- WEFFORT, Francisco - *O populismo na política brasileira*, Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1978.